

Desenhar o bem-estar sustentável

Designing a sustainable well-being

Lucca, André de Souza; Doutorando em *Scienze del Design*; Università IUAV di Venezia
aslucca@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo tem por objetivo introduzir a discussão sobre o posicionamento epistemológico do Design frente ao cenário de desequilíbrio ambiental no qual a sociedade contemporânea se encontra. O Design concebido para um ulterior desenvolvimento não é mais compatível ao porte dos problemas eminentes. O papel que o Design começa a delinear será aquele de facilitar o desenvolvimento das capacidades idealizadoras difundidas e de contextos que favoreçam a sua aplicação, bem como, desenhar cenários de vida e idéias de bem-estar com as quais cada um se confrontará na definição do próprio projeto de vida. Pensar o Design numa concepção alternativa de mundo e tomar parte na transição da sociedade a sustentabilidade, são os atuais desafios. Este texto faz parte do projeto de doutorado em *Scienze del Design*, em fase de conclusão pelo autor.

Palavras Chave: design ecológico; filosofia do design; mudanças climáticas.

Abstract

The aim of this paper is to introduce the debate on the epistemological setting of Design within the current social scenario characterized by ecological crisis. Nowadays an idea of Design indifferent to the issues arisen by the 'Limits to Growth' has become undefendable. The emerging roles for Design are those of facilitating the development of widespread planning capabilities and fostering contexts favourable to its own application. Another important role for Design is that of envisioning future scenarios, lifestyles and conceptions of 'well-being' according to which every individual will be able to trace its own personal draft of life. The ongoing challenges are thinking of Design within the boundaries of an alternative conception of the world and making possible the transition from the actual society to a sustainable society. This text is part of the author's ongoing PhD research project in Design Sciences.

Keywords: *ecologic design; design philosophy; climate change.*

Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design

8 a 11 de outubro de 2008 São Paulo – SP Brasil ISBN 978-85-60186-03-7

©2008 Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil (AEND|Brasil)

Reprodução permitida, para uso sem fins comerciais, desde que seja citada a fonte.

Este documento foi publicado exatamente como fornecido pelo(s) autor(es), o(s) qual(is) se responsabiliza(m) pela totalidade de seu conteúdo.

O ecodesign frente o desequilíbrio ambiental

Aquecimento Global, termo utilizado frequentemente para descrever o atual cenário de desequilíbrio natural pelo *mass media*, caracteriza-se pelo aumento dos níveis de anidrido carbônico na atmosfera. A abundância dessa substância atua como um filtro e impede que a radiação solar seja refletida ao espaço formando um escudo que retém o calor na superfície do planeta. Efeito Estufa é a designação científica adotada pelos climatólogos para descrever as conseqüências de tais fenômenos no ambiente.

O inevitável aumento nos níveis de anidrido carbônico será acompanhado de uma profunda mudança climática, escreve Richard Betts e Peter Cox (apud Lovelock, 2006, p. 75), segundo seus estudos, um aumento de 4° C na temperatura global – também estimado pelo relatório IPCC 2007 para este século - será suficiente a desestabilizar as florestas tropicais e fazer com que essas, assim como as calotas glaciais da Groelândia e do Pólo Norte desapareçam, dando lugar à vegetação rasteira e ao deserto. Se isso acontecer, a Terra perderá um dos seus mecanismos de resfriamento e a rapidez no incremento da temperatura aumentará ulteriormente.

As monitorações atualmente feitas em pontos cruciais do Sistema Terra – Groelândia, Antártida, floresta Amazônica, Oceano Atlântico e Pacífico – mostram uma tendência que, relativa a nossa escala temporal, poderá ser uma variação irreversível e fatal (Lovelock, 2006, p. 75).

Num cenário onde o aquecimento global se mantém constante será praticamente inevitável o aumento do nível dos mares, dos fenômenos atmosféricos extremos e da difusão de doenças tropicais. Os governos deverão suportar notáveis custos para a adequação da agricultura e a salvaguarda das regiões costeiras, incluindo o empobrecimento de várias nações e uma crise econômica global. Migrações em massa acontecerão podendo causar graves conflitos internacionais e regionais, sobretudo se o crescimento demográfico continuar sua tendência atual. O planeta perderá grande parte de sua biodiversidade, juntamente com a diminuição de áreas cultiváveis, da vida oceânica e das reservas hídricas (Rees, 2004, p. 117).

A partir do final da década de 1980, junto com o crescente aumento das convenções e debates referentes às mudanças climáticas, tornou-se freqüente a orientação dos projetos de Design à diminuição do impacto ambiental dos produtos industriais. Essa tendência denominada Ecodesign constitui-se em geral na elaboração por parte dos projetistas de um processo de análise e escolha das matérias-primas, das fontes de energia e da configuração do produto permitindo o seu reutilizo e a reciclagem pós-consumo.

No âmbito político essa tendência manifestou-se com a designação do Desenvolvimento Sustentável. Em termos políticos, esse conceito resumiu-se a um modelo de desenvolvimento onde as formas de produção e consumo não se alteram, mas apenas as fontes de energia e matérias-primas são transferidas da matriz fóssil para a matriz renovável.

As estruturas desse pensamento consideram os processos produtivos em função de sua capacidade de eficiência, segurança de operação, minimização do uso de recursos energéticos e utilização de tecnologias limpas. O produto uma vez acabado pode ter sua vida útil otimizada, sendo propiciado a ele uma fácil manutenção, atualização, reutilização, re-fabricação, reciclagem ou combustão. E, finalmente, o projeto deve prever o comportamento

do produto durante todo o seu ciclo de vida, desde a pré-produção até o seu descarte (Lucca e Pansera-de-Araújo, 2006).

Tais argumentos - abordados com notável antecipação por autores como Tomás Maldonado (1970)¹, Victor Papanek (1971)², Donella e Dennis Meadows (1972)³, E. F. Schumacher (1973)⁴, Gui Bonsiepe (1975)⁵, James Lovelock (1979)⁶ entre outros - já haviam estimulado discussões e introduzido novas concepções de desenvolvimento e de projeto industrial no debate acadêmico, estabelecendo o exórdio de uma teoria do Design deslocada do contexto produtivo capitalista e integrada à preservação ambiental e ao respeito às características sócio-culturais onde este se inseria (Lucca e Pansera-de-Araújo, 2005).

O esforço por parte dos designers mostrou novos panoramas e possibilidades de projeção do produto industrial, porém, não atingiu o ponto crucial do problema ambiental, vale dizer, promover uma mudança no estilo de vida adotado pelas sociedades ocidentais baseadas sobretudo na construção de necessidades de consumo e na produção para o descarte (Lucca e Pansera-de-Araújo, 2006).

Muitos consideram o desenvolvimento sustentável como a nobre visão política superior ao tolerante *business as usual*, escreve Lovelock, infelizmente estas propostas terão o mesmo êxito, a probabilidade de uma mudança global desastrosa. Os erros que essas propostas compartilham reside na convicção que um desenvolvimento posterior seja possível e que a Terra possa continuar, mais ou menos como agora, por ao menos a primeira metade deste século. Duzentos anos atrás, quando as mudanças eram lentas ou inexistentes, poderíamos dispor de tempo para estabelecer um desenvolvimento sustentável, mas agora é decisivamente tarde, o dano já foi feito (Lovelock, 2006, p. 14).

A leitura de Lovelock pode ser interpretada para a área do Design, acreditar que um projeto feito para uma nova geração de produtos, mesmo esses concebidos em função de um menor impacto ambiental, não é mais compatível ao porte dos problemas que deveremos enfrentar no futuro em médio prazo.

A mudança de concepção

A sociedade industrial opera ainda hoje no âmbito de uma visão paradigmática da racionalidade técnica. Essa concepção de mundo considera o planeta Terra sob um ponto de vista instrumental, onde o homem em seu aspecto orgânico foi deixado de lado em prol do desenvolvimento tecnológico (Pelizzoli, 1999, p. 25). Essa visão predominava no momento do início da era industrial e era delineada cientificamente pelo mecanicismo de Descartes e Newton.

No início do século passado, uma nova visão sob a realidade não foi facilmente aceita por parte dos físicos. A exploração do mundo atômico e subatômico confrontou-os com novos acontecimentos estranhos e inesperados. No esforço de compreender essa nova realidade, os cientistas tiveram que enfrentar um doloroso fato, que seus conceitos, sua linguagem e o inteiro modo de pensar não eram mais adequados a descrever os fenômenos atômicos observados (Capra, 1997, p. 15).

É nesse contexto que Thomas Kuhn formula o conceito de paradigma científico ou matriz disciplinar, definindo-o como o conjunto de conclusões, conceitos, valores e técnicas,

compartilhadas por uma determinada comunidade científica e utilizadas por essa para definir e legitimar os problemas e as soluções propostas. As mudanças na matriz disciplinar ocorrem, segundo Kuhn (1978, p. 226), através de rupturas e revoluções denominadas “mudanças de paradigma”.

Nas palavras de Kuhn (1978, p. 64), “quando mudam os paradigmas, muda com eles o próprio mundo”. Guiados pela nova matriz disciplinar, os cientistas adotam novos instrumentos e orientam seu olhar a novas direções. É como se a comunidade científica tivesse sido subitamente transportada para uma nova realidade onde os objetos, antes familiares, agora são observados sob uma nova luz e a eles se agregam objetos desconhecidos. Essas mudanças iniciadas no âmbito das ciências naturais ocorrem hoje também de forma mais ampla nas ciências sociais e humanas.

O paradigma que hoje está perdendo valor dominou a nossa cultura por muitos anos, durante aos quais, forjou a sociedade ocidental moderna e exercitou uma influência significativa sobre o resto do mundo. Para Capra (1997, p. 16) este paradigma consiste numa quantidade de idéias e valores radicados, entre os quais a visão do universo como um sistema mecânico composto de frações elementares, a visão do corpo humano como uma máquina, a visão de uma vida social como uma competição para a existência, a crença num progresso material ilimitado alcançável através do crescimento econômico e tecnológico, e – ultimamente, mas não menos importante – a crença segundo qual a submissão da mulher na sociedade é uma lei fundamental da Natureza (Capra, 1997, p. 16).

Ainda segundo Capra (1997, p. 17), é possível definir o paradigma emergente como uma visão Ecológica do mundo. Ao termo Ecológico deve-se conferir um significado mais amplo e profundo daquele normalmente utilizado. Uma consciência Ecológica reconhece a fundamental interdependência de todos os fenômenos e o fato que, como seres individuais e sociais, nós todos interferimos – e definitivamente dependemos dos – processos cíclicos da Natureza. A mudança de paradigma não requer apenas uma ampliação das nossas percepções e do modo de pensar, mas também dos nossos valores.

A concepção Ecológica do Design

Qual será o papel do Design dentro dessa perspectiva de mudança de paradigma? Conforme Manzini & Jégou (2003, p. 15) a construção do futuro, e hoje em particular, a transição para a sustentabilidade, correspondem a um processo social no qual todos temos um papel e no qual, todos com diversas responsabilidades e poderes, jogam a sua partida. O papel do Design não será somente aquele de produzir artefatos, mas também aquele de facilitar o desenvolvimento e a orientação das capacidades idealizadoras difundidas e de contextos que favoreçam sua aplicação. “Os designers não produzem somente artefatos, mas também cenários de vida e idéias de bem estar, e assim fazendo, contribuem a alimentar o rol de imagens socialmente produzidas, com as quais cada um se confronta na definição do próprio projeto de vida pessoal”.

Na proposta de Manzini & Jégou (2003, p. 37) uma descontinuidade sistêmica surge. A sociedade em que se deverá viver, e possivelmente viver bem, utilizará somente 10% dos recursos que hoje emprega a nossa sociedade industrial. É evidente que o sistema produtivo e

de consumo dessa sociedade será profundamente diferente, “tanto diferente que nenhuma parcial modificação, nenhuma inovação incremental da tecnologia atual, nenhuma operação de re-design do existente poderá alcançar”. O desenvolvimento dessa nova sociedade requer - tanto das sociedades mais industrializadas quanto daquelas em que a industrialização e também das não industrializadas - operar, meter em funcionamento e concretizar idéias de desenvolvimento assim diversas daquelas até hoje dominantes de não se poder imaginar sem por em discussão o inteiro complexo econômico e sócio-cultural sobre qual se baseia o atual sistema de produção, uso e consumo.

Ao confrontarmos a atual descontinuidade sistêmica delineada por Manzini & Jégou e a mudança de paradigma descrita por Capra, percebemos um percurso que demonstra a presença do paradigma Ecológico também na perspectiva do futuro do Design.

Percebe-se que uma grande parte do Ecodesign hoje opera o redesenho ou o projeto de novos produtos com menor impacto ambiental, dessa forma, é possível caracterizá-lo como uma manifestação do paradigma da racionalidade técnica ou Mecanicista (Lucca e Pansera-de-Araújo, 2007). O Design do paradigma Ecológico, que propiciará uma mudança muito mais intensa na cultura material da sociedade, está atualmente em formação e a sua utilização como hipótese dentro de projetos de pesquisa científica pode apontar a uma nova compreensão do papel dessa profissão na formação de uma sociedade sustentável.

Segundo Manzini & Jégou (2003, p. 41) para alcançar esta mudança, “será necessário construir economias que incidam muito menos sobre o planeta, uma regra empírica é expressa pelo Fator 10: as economias industriais deverão diminuir o uso de energia e matérias-primas de um fator 10 (80-90% menos) entre os próximos 50 anos”.

Eles apontam algumas estratégias de ação que funcionam como linhas guias de orientação para escolhas e soluções projetuais que apresentem maior probabilidades de resultarem sustentáveis, dentre as quais: utilizar o existente, reduzir a necessidade do novo; promover a variedade, projetar e desenvolver a diversidade biológica, sócio-cultural e tecnológica; promover a natureza simbiótica; re-naturalizar os ambientes; aproximar as pessoas e as coisas, reduzir a demanda de transporte; compartilhar as ferramentas e equipamentos; potencializar as pessoas; promover formas de organização descentradas e flexíveis; utilizar o sol, o vento e as biomassas; produzir a descarte zero.

No âmbito da pesquisa em Design, torna-se indispensável adotar uma postura ativa frente às novas concepções epistemológicas, ou seja, contribuir para a construção de uma filosofia do Design onde este encontre um campo fértil para desenvolver-se como uma disciplina orientada à construção de uma sociedade com um mínimo rastro ecológico e onde os designers promovam estilos de vida determinados pelos conceitos de equilíbrio, cooperação e eficiência como alternativas aos preceitos do materialismo, egocentrismo e especulação.

Notas

¹ T. Maldonado. *La speranza progettuale: ambiente e società*. Torino: Einaudi editore S.p.A., 1970.

² V. Papanek. *Design for the Real World: Human Ecology and Social Change*. New York: Pantheon Books, 1971.

³ D.H. Meadows, D.L. Meadows, J. Randers, & W.W. Behrens III. *The Limits to Growth*. New York: Universe Books, 1972.

⁴ E.F. Schumacher. *Small is Beautiful: Economics as if People Mattered*. London: Blond & Briggs, 1973.

⁵ G. Bonsiepe. *Teoria e pratica del disegno industriale*. Milano: Feltrinelli, 1975.

⁶ J. Lovelock. *Gaia: a new look at life on Earth*. Oxford: Oxford University Press, 1979.

Referências

CAPRA, Fritjof. **La rete della vita: una nuova visione della natura e della scienza**. Milano: RCS Libri S.p.A., 1997.

IPCC. *Climate Change 2007: The Physical Science Basis of Climate Change*. In: **Working Group I, 2007**. (http://ipcc-wg1.ucar.edu/wg1/docs/WG1AR4_SPM_PlenaryApproved.pdf).

IPCC. *Climate Change 2007: Climate Change Impacts, Adaptation and Vulnerability*. In: **Terra Notícias Ciência, 2007**. (http://www.terra.com.br/noticias/ciencia/IPCC_070406.pdf)

IPCC. *Fourth Assessment Report: Synthesis Report*. In: **La Repubblica.it, 2007**. (<http://download.repubblica.it/pdf/2007/syr.pdf>).

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LOVELOCK, James. **La rivolta di Gaia**. Milano: RCS Libri S.p.A., 2006.

LUCCA, André de Souza e PANSERA-DE-ARAÚJO, Maria Cristina. As publicações da AEnD-BR como referencial para o ensino de ecodesign no Brasil. In: 4º Congresso Internacional de Pesquisa em Design, ANPED 2007, Rio de Janeiro, Brasil. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPED, 2007. 1 cd-rom.

_____. A produção da AEnD-BR: possibilidades de um referencial teórico para o ensino de ecodesign. In: 7º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, P&D Design 2006, Paraná, Brasil. **Anais**. Paraná: AEnD-BR, 2006. 1 cd-rom.

_____. As crises ambientais como estímulo à pesquisa em educação para o desenho. In: 3º Congresso Internacional de Pesquisa em Design, ANPEDesign 2005, Rio de Janeiro, Brasil. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPED, 2005. 1 cd-rom.

MANZINI, Ezio & JÉGOU, François. **Quotidiano sostenibile: scenari di vita urbana**. Milano: Edizioni Ambiente s.r.l., 2003.

PELIZZOLI, Marcelo L. **A emergência do paradigma ecológico: reflexões ético-filosóficas para o século XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

REES, Martin. **Il secolo finale: perché l'umanità rischia di autodistruggersi nei prossimi cento anni**. Milano: Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., 2004.